

Ulysses quer conter os históricos

Os deputados Genebaldo Correia, da Bahia, e Pimenta da Veiga, de Minas Gerais, interpretando diferentes sentimentos reinantes no PMDB, analisaram o comportamento dos históricos e suas decisões em face do futuro do partido e do próprio País. Genebaldo Correia, um dos mais ativos articuladores do partido no plano nacional, tem sido também um dos mais leais colaboradores políticos do governador Waldir Pires e do deputado Ulysses Guimarães. Quanto a Pimenta da Veiga, ele hoje se encontra na linha de frente dos históricos do PMDB, comandados por Mário Covas e Fernando Henrique Cardoso, os quais, inconformados com a linha imprimida às atividades partidárias, ameaçam abandonar as fileiras do partido em gesto extremo. Tendo como ponto de partida a próxima reunião do Diretório Nacional do PMDB, informa o parlamentar mineiro que os históricos pretendem abrir um cisma no partido.

O senador paranaense José Richa afirma estar solidário com os históricos e adverte que a reunião do Diretório marcará a formação da dissidência do PMDB. Pimenta e Richa têm ainda problemas de acomodação política nos Estados de origem, pois se

Ignácio de Aragão

acham praticamente rompidos com seus governadores. Enquanto Genebaldo e todo o PMDB da Bahia, tendo à frente o governador Waldir Pires, encaram com simpatia a candidatura à Presidência da República de Ulysses Guimarães, Pimenta e Richa se esforçam para consolidar a candidatura de Mário Covas ou nome equivalente nas suas idéias e propósitos políticos. Querem evitar a solução representada por Orestes Quêrcia, a qualquer custo e preço.

No entanto, o deputado Genebaldo Correia concitou o deputado Pimenta da Veiga e seu grupo e serem mais prudentes, não tomando atitudes políticas precipitadas em relação ao PMDB e ao seu comando. Segundo o parlamentar baiano, se, os chamados históricos querem romper com o partido, devem aguardar para isso um pretexto, o que lhes faltaria no momento. Observou que a melhor oportunidade — a que o PMDB faça um reexame do seu papel e assuma novas definições políticas quanto ao futuro político nacional seria após a conclusão das atividades da Assembleia Nacional Constituinte. Nessa ocasião, já estaria o País dotado de nova Constituição, progressista em vários dos seus aspectos, com importantes

conquistas econômicas e sociais. De posse dessa Constituição, de acordo com o raciocínio desenvolvido, Ulysses e o PMDB teriam meios de se apresentar diante do eleitorado com novas bandeiras e novas mensagens identificadas com seus compromissos políticos históricos. Essa também seria a oportunidade em que o PMDB poderia assumir uma posição de distanciamento político em relação ao Governo Sarney, com Ulysses provavelmente à frente do partido.

Recordou Genebaldo Correia que a nova Constituição servirá de base a que o PMDB também justifique diversos atos do seu recente passado histórico, com a ida ao Colégio Eleitoral e a coligação feita com forças políticas conservadoras.

O parlamentar baiano encontra-se particularmente convencido de que a Constituinte irá aprovar o mandato de quatro anos para Sarney. Mas se na hipótese por ele considerada remota de a Constituinte dotar Sarney do mandato de cinco anos, a divisão no PMDB se tornará irreversível, bem como o rompimento formal com o Governo por parte de uma facção expressiva do partido, tendo à frente o próprio Ulysses Guimarães.

Estão esquecendo o principal

Enquanto se continua votando a Constituição a passo de cágado, os políticos do PMDB nacional estão se deixando embair, mais uma vez, pelos habilidosos líderes das esquerdas, e esquecem o que é, agora, o principal.

Disse-me ilustre constituinte, esta semana, que a tese do mandato de quatro anos já é irremediavelmente majoritária na Assembleia Nacional. Levantada a princípio por Brizola, que carecia de fato relevante para enriquecer a sua pregação e conservar-se no primeiro plano do noticiário político, a tese veio a ser assumida por aqueles líderes do PMDB em Brasília, por mero oportunismo caviloso e personalista, posto que lhes servia à pretensão de também serem candidatos à sucessão de Sarney. Mais de uma vez ameaçaram eles romper com o Governo, não o fazendo porque isto importaria na perda dos cargos e prebendas de que já se haviam apossado. De qualquer forma, porém, conseguiram fazer a «cabeça» da maioria dos seus pares, no sentido de depor um Presidente em exercício através de um simples artigo nas disposições

transitórias de uma nova lei maior, como se se tratasse de um amanuense dos correios e telégrafos.

Admitindo-se que tenham sucesso na empreitada, e de fato sejam as eleições presidenciais marcadas para este ano, em novembro, e que o Presidente se submeta a mais essa violência legal, o estranhável é que o PMDB não se esteja preparando já para o pleito, com um candidato escolhido e proclamado, oferecendo o nome dele ao exame do eleitorado, para deste conquistar simpatias transformáveis em votos, e convocando as chamadas bases para criar, em torno do indicado, um clima de ampla aceitação.

Não, o PMDB não está fazendo nada disso. Ao contrário, seus líderes dedicam-se agora, especialmente, a transmitir ao povo uma imagem negativa do Governo, dos políticos e das instituições de um modo geral. Pela segunda vez, estão fazendo o inteligente jogo das esquerdas. Agora, quando a CNBB lançou um tardio manifesto anticorrupção, pondo mais lenha no auto de fé do Governo, 50 dos mais proeminen-

tes líderes do PMDB nacional correram ao palácio do «Suprema» para prestar-lhe vassalagem e denunciar os heréticos. Pelo andar da carruagem, não, não querem que fique pedra sobre pedra neste País.

Todavia, em 88, devem haver as eleições municipais, a rigor mais importantes para o povo do que as presidenciais, porque naquelas o homem comum vai escolher o seu prefeito e os seus vereadores, os que lhe estão mais próximos, ao alcance da vista, da palavra do pedido e da reclamação. E com que cara os peemedebistas locais vão pedir o voto do eleitor, se o que a ele chega de Brasília, pela palavra dos grandes líderes do partido no Constituinte e no Congresso, é que ali tudo está podre, que nada se aproveita no Governo (onde a maioria dos ministros é do PMDB e o povo sabe disso), que a corrupção grassa como nova aids por toda parte, pior do que febre amarela, gripe espanhola ou uma nova peste?

Depois dos quatro anos, as esquerdas deram brinquedo novo ao PMDB, que é a corrupção.